

Passivas Reflexivas no Português Brasileiro Popular

Deize Crespim Pereira

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo
deizerui@yahoo.com

Abstract. *This paper presents a qualitative study of the reflexive voice with passive meaning in Popular Brazilian Portuguese. Examining 30 interviews of the Projects “Filologia Bandeirante” and “Português Popular em São Paulo”, we could note: a) the variable usage of the pronoun; b) constructions with the agent overtly expressed; c) constructions which involve a process that does not imply an agent; d) instances where the pronoun might have the meaning “passive” as well as the meaning “impersonal”.*

Key words. *Reflexive Passive; Popular Brazilian Portuguese; Linguistic Variation; Functional Linguistics.*

Resumo. *O presente trabalho constitui um estudo qualitativo da voz reflexiva de sentido passivo no português brasileiro popular. Examinando 30 inquéritos dos Projetos Filologia Bandeirante e Português Popular em São Paulo, pudemos notar: a) o uso variável do pronome; b) estruturas com agente exposto; c) construções em que o processo semanticamente não implica um agente; d) ocorrências em que o pronome pode expressar tanto o sentido de passividade, como o de indeterminação.*

Palavras-chave. *Passiva Reflexiva; Português Brasileiro Popular; Variação Lingüística; Lingüística Funcional.*

1. Introdução

O presente trabalho constitui um estudo qualitativo da voz reflexiva de sentido passivo no Português Brasileiro Popular. Os inquéritos utilizados compõem os *corpora* do Projeto Filologia Bandeirante (Filoband), coordenado por Heitor Megale, e do Projeto Português Popular em São Paulo (PPSP), organizado por Rodrigues (1987). Os informantes do segundo projeto são adultos de baixa renda, analfabetos ou de baixo nível de escolaridade, na sua maioria migrantes da zona rural do estado de São Paulo e de outras regiões brasileiras, que moram em favelas e conjuntos habitacionais populares da periferia da cidade de São Paulo. O Projeto Filologia Bandeirante, por sua vez, contempla idosos de baixa ou nula escolaridade nascidos e criados na zona rural dos estados de São Paulo e de Minas Gerais, na área correspondente às trilhas históricas das bandeiras paulistas. Na presente pesquisa, foram utilizados 15 inquéritos do Projeto Filologia Bandeirante (gravados em 1998), e 15 inquéritos do Projeto Português Popular em São Paulo (9 deles realizados entre 1997 e 2002; e os demais, em 1987).

As estruturas de passiva de *se* exemplificadas em gramáticas e na literatura lingüística compreendem geralmente um SN (sintagma nominal) de 3ª pessoa com traço [-animado] e verbos transitivos diretos (cf. Neves, 2000; Maurer, 1951; Mira Mateus et al., 1983; Bechara, 2001; Duarte, 2002), tal como nas ocorrências (1-2) a seguir. Apenas alguns autores citam exemplos com SNs com traço [+humano], como em (3).

- (1) conta pra eles aí quanto saco de porvio se ensacava aí...como que é o movimento de porvio de vocês (Filoband, I.6, p.79)
- (2) daquele leite lá é que se faiz a canjica (PPSP, I.H,p.25)
- (3) tive treze filhos...mais criô nove (Filoband, I.1, p.6)

Um outro critério amplamente utilizado para caracterizar a estrutura passiva é a concordância com o argumento interno no plural (cf. Duarte, 2002; Naro, 1976; Nunes, 1991). Vista como índice de atribuição do sujeito, esta é adotada como único critério para diferenciar o *se* passivador (ex.: Vendem-se as máquinas) do *se* indeterminador do agente (ex.: Vende-se as máquinas) (Duarte, 2002: 157).

Nas ocorrências dos *corpora* considerados, no entanto, não há um só exemplo em que se empregue a concordância com o SN no plural. Com relação à totalidade dos SNs encontrados, a maioria é portador do traço [+humano].

Na medida em que as estruturas prototípicas de passiva reflexiva acima exemplificadas são pouco numerosas em nossos *corpora*, não adotamos os critérios mencionados para coletar as ocorrências. Limitamo-nos apenas a recolher estruturas de voz reflexiva de sentido passivo, isto é, que compreendessem verbos de processo com sujeito paciente, com ou sem pronome explícito, em todas as pessoas do discurso. Para identificar estas construções, baseamos nossa análise em Borba (coord.1991). Segundo o autor, o verbo de processo indica um evento que afeta um sujeito paciente, experimentador, ou beneficiário. O argumento paciente de um verbo de processo é o afetado por aquilo que o verbo expressa; é o que sofre uma mudança de estado, condição ou posição.

2. A questão do sintagma agentivo

Há na literatura lingüística certa controvérsia quanto à possibilidade de construções passivas reflexivas terem ou não um agente expresso, bem como quanto à questão de implicarem necessariamente um agente.

Said Ali (1966:98) estabelece que “admitir um sentido passivo é admitir a possibilidade de um agente ou ‘complemento de causa eficiente’ tanto oculto como expresso”. Assim, o autor questiona a interpretação passiva de orações como *A pedra desprende-se da montanha e precipitou-se pelo vale abaixo* (1966:95). Dutra (1981:76) da mesma forma ressalta que uma oração como *Abriram-se as rosas* exclui a interpretação passiva *As rosas foram abertas*.

Para outros autores, no entanto, é possível que sentenças como *As maçãs se conservam*, *As peras se estragam facilmente* (Maurer 1951:51) expressem apenas passividade, sem implicarem um agente. Maurer (1951) estabelece que a construção passiva é utilizada quando se quer salientar antes o objeto que sofre a ação do que o agente que a realiza. O centro da oração passa a ser portanto o paciente; e o agente tem um papel secundário, podendo ou não vir a ser expresso como complemento adverbial.

Bechara (2001:223) observa que no português contemporâneo a voz reflexiva de sentido passivo dispensa o agente, notando contudo que há casos em que este pode vir expresso (*ao gol em si, que se deixou fazer por Pelé* (Drummond, in: Bechara, 2001:223)). Naro (1976) afirma que a passiva de *se* no português moderno não admite a

expressão do agente, apontando porém que seu uso era comum no português antigo (*O mar remoto navegamos, que só dos feos focas se navega* (Camões, in: Naro 1976:781)).

Para Hopper & Thompson (1980), há dois tipos de construção passiva: 1) O-focus: é passiva porque um SN que não é agente é promovido para um status especial, mas é diferente da passiva prototípica, porque tende a ocorrer com agente expreso. Estas construções são altamente transitivas, já que o agente tende a estar presente e o objeto é definido e [+referencial]; 2) passivas prototípicas: construções em que o agente ocorre raramente ou não ocorre; tais estruturas têm um baixo grau de transitividade, tipicamente têm um só argumento e este não exerce controle sobre o evento denotado pelo verbo.

Segundo Jacob (2004), é a reanálise da situação de correferência expressa pelo pronome reflexivo, como ausência do argumento externo, que provoca o surgimento de construções passivas. Estas seriam de três tipos: 1) médio-passiva: o argumento externo não é indicado, porque o processo semanticamente não implica um agente, exs.: *A terra se move, A porta se abriu, Meu namorado fala alguma coisa eu me machuco*; 2) passiva reflexiva: o argumento externo não é indicado, porque é desconhecido, ou não se quer mencioná-lo, ou trata-se de uma predicação geral, sem um referente particular, exs.: *Alugam-se apartamentos, Isso se vê muito*; 3) passiva reflexiva indeterminada: o *se* é reanalisado como marca de indeterminação, o argumento interno ocupa sua posição original de complemento direto, exs.: *Aluga-se apartamentos, se dança* (2004:54-56).

Mira Mateus et al. (1983) define a estrutura passiva como um processo de escolha marcada do sujeito, que se caracteriza pela despromoção do argumento candidato preferencial a tal posição. De acordo com a autora, tal construção é utilizada quando o argumento agente tem referência indeterminada, ou quando não é relevante para a continuação do discurso, e quando o objeto ou paciente é contextualmente definido e tem um alto grau de topicalidade.

Dik, por fim, faz uma distinção entre dois tipos de processo: os induzidos e os não induzidos. O autor reserva a função semântica de paciente a entidades afetadas por um processo induzido por um agente, posicionador, ou força (ex.: *The door was slowly opened by Peter*). A entidade afetada por um processo não instigado, por sua vez, recebe a função semântica de “processed” (ex.: *The door slowly opened*) (Dik, 1989:75,101-103). No primeiro caso, mesmo se o agente não for especificado, a construção é interpretada como envolvendo um agente; já o segundo não implica um agente. Este segundo tipo é analisado como uma construção derivada em que o verbo sofre redução de valência, isto é, o verbo de dois lugares passa a ter somente o segundo argumento. O pronome reflexivo é visto como uma marca que indica a redução do primeiro argumento agente (Dik, 1997:12-13). Esta redução de valência pode ser acompanhada por um outro processo, através do qual o segundo argumento “usurpa os direitos do primeiro argumento” (“*argument shift*”), produzindo construções como a seguinte, em que o segundo argumento passa a ocupar a posição do primeiro: (*It catches-R butterflies > Butterflies catch-R* (em que R é a marca de redução do primeiro argumento, podendo ser representada pelo pronome reflexivo, por um afixo, ou por zero).

Com base nas informações fornecidas por todos estes autores, examinamos as ocorrências encontradas nos *corpora* do português popular. Pudemos constatar a presença de três estruturas:

I) O processo semanticamente não implica um agente. Exemplos:

- (4) ói na na época tô falanu pu senhor...queu era moçu...queu era: :: tava si formanu im a...im a: :: comu diz? im adultu (Filoband, I.9, p.122)
- (5) também se entrosamo com a comunidade do (Cova) (PPSP, I.d, p.2)
- (6) Doc. E quanto tempo aguentava a carne assim? / Inf. ah guenta muito tempu ... guenta muito tempu qui ela bem sargada ela num perde (Filoband,I.9, p.127)
- (7) era u lobisomi (...) depoi que eli transforma eli nu qué sabe u que qui é né? (Filoband,I.9, p.132)
- (8) as vez cê pegava traíra... só nu dava bagre que o bagre nu é de criá esse tipo de água (Filoband, I.9, p.128)

II) O processo implica um agente que não é mencionado no discurso. Exemplos:

- (9) porque o Extra né? inaugurô essa semana (PPSP, I.D,p.23)
- (10) a luiz do terraço acendia clareava também a rua um poco (PPSP, I.z,p.11)
- (11) a senhora não vê a avenida São João como alargô? (PPSP, I.z,p.13)
- (2) daquele leite lá é que se faiz a canjica (PPSP, I.H,p.25)
- (12) lá no hospital São Paulo muito tempo que ela se trata lá (PPSP, I.y,p.41)

III) O processo implica um agente (SN [+animado]), ou um causativo (SN [-animado]), que vem expresso no discurso. Exemplos:

- (1) conta pra eles aí quanto saco de porvio se ensacava aí...como que é o movimento de porvio de *vocêis* (Filoband, I.6, p.79)
- (13) *o médico* começô “você num pode tê filho vai tê que operá” (PPSP, I.E,p.51)
- (14) quando o cachorro latiu ele se intimidô *co cachorro* (Filoband, I.2, p.21)
- (15) a rua Alba vem a enchê de água devido a trans/ a transbordação do córrego (PPSP, I.I,p.36)
- (16) eu qui cuidei dele (...) tinha que levantá ele sentá ele num caxoti () punha *umas (barra) di fogu* numa lata preli isquentá (Filoband,I.14, p.208)

As estruturas mais comuns são aquelas em que o processo semanticamente não implica agente (57% do *corpus*). Em segundo lugar, vêm as que implicam um agente de referência indeterminada (27% do *corpus*), e, por último, as que explicitam o agente (16%).

3. Passividade e indeterminação

Com base em uma distinção entre predicado sintático e semântico, Reinhart & Reuland (1993) estabelecem que, ainda que o argumento agente não seja realizado sintaticamente, este pode ser depreendido pelas características semânticas do verbo ou pelo próprio contexto discursivo (conferir também Dik,1989). Nas ocorrências (9), (10), (11), (2) e (12) do item anterior, vimos que há processos que implicam necessariamente um agente, que não é mencionado no discurso. Tais estruturas podem sugerir tanto a idéia de passividade, quanto a de indeterminação. Em (9), por exemplo, o SN “o Extra”

pode ser interpretado tanto como sujeito (construção passiva), quanto como um objeto direto topicalizado (estrutura indeterminada).

(9) porque o Extra né? inaugurô essa semana (PPSP, I.D,p.23)

(9a) O Extra foi inaugurado.

(9b) (Agente) inaugurou o Extra.

Vários são os autores que mencionam a estreita relação entre o *se* apassivador e o *se* indeterminador do agente, notando ainda que estes valores podem se manifestar simultaneamente em uma mesma oração (cf. Maurer, 1951; Schmidt-Riese, 2002; Dutra, 1981; Ilari et al., 1996). Estruturas com SN no singular são normalmente excluídas de estudos que contemplam estes dois tipos de *se* (cf. Nunes, 1991; Duarte, 2002), uma vez que estes tomam a concordância como critério para distinguir os dois tipos de construção. Schmidt-Riese (2002) ressalta, porém, que este critério sintático nem sempre é inequívoco como índice de atribuição do sujeito: a ausência de concordância não serve para romper a indecisão sintática entre o *se* apassivador e o *se* indeterminador. Maurer (1951:58), por sua vez, observa que “a idéia de agente pessoal indefinido pode surgir em uma frase passiva, mesmo quando ela tem sujeito, desde que não se enuncie o agente” (exemplos: *Consertam-se relógios*, *Vendem-se flores*).

Tais construções devem ser analisadas não só de um ponto de vista sintático, mas também de uma perspectiva semântica e discursiva. É possível que o falante não mencione o agente, simplesmente porque não o considera relevante para seus propósitos comunicativos.

4. O argumento paciente

Com relação às características semânticas, sintáticas e discursivas dos SNs que exercem a função de paciente, pudemos notar que predominam nos *corpora* estruturas com SN: (i) [+humano]; (ii) anteposto ao verbo, ocupando a posição prototípica de sujeito; (iii) tópico discursivo, no sentido de ser o referente que está no foco de atenção, o assunto de que se está tratando; (iv) com traço [+definido] – quando o sujeito se refere à 1ª pessoa do discurso (*eu, nós, a gente*), inclui o falante, tratando-se portanto de um referente presente na situação. Quando se refere à 2ª pessoa (*você*), normalmente também representa o falante, em narrações em discurso direto (ver exemplo 13). Na 3ª pessoa, o referente geralmente também é definido, como em (17), havendo pouquíssimos casos de referente indefinido, como em (18).

(17) não por mim pelo *meus filho* sabe? eu não quero que *eles cria* (...) não quero que *eles cria* aqui não (PPSP, I.y, p.29)

(18) acho que de tanto *o pessoal* sofrê se torna artista né? (PPSP, I.H, p.15)

Este conjunto de características confirma a idéia de que a estrutura passiva reflexiva é utilizada quando o argumento paciente é tomado como ponto de vista, centro de atenção, correspondendo à entidade mais importante no contexto discursivo em que aparece (cf. Maurer, 1951; Mira Mateus et al., 1983).

5. Omissão de *se* x comprometimento da informação

Vimos que nas ocorrências de passiva reflexiva encontradas no português popular, há variação no uso do pronome, que ora vem explícito, ora implícito – o índice geral de realização do pronome é de apenas 32% (49/154).

Todos os verbos que foram incluídos neste estudo têm contraparte transitiva, isto é, podem ser empregados como verbos de ação-processo com dois argumentos de referência distinta. Na medida em que a omissão do pronome se encaixa num processo mais amplo de apagamento do objeto, perguntamo-nos se nos casos de não-realização do pronome reflexivo haveria comprometimento da informação. Em outras palavras, se o pronome é o índice de processividade (Borba, coord. 1991), que marca a redução de valência do verbo (Dik, 1997), indicando que o único argumento tem a função semântica de Paciente, como sabemos que as estruturas com omissão de *se* têm sentido passivo?

Retomemos alguns exemplos:

- (7) era u lobisomi (...) depois que eli transforma eli nu qué sabe u que qui é né? (Filoband, I.9, p.132)
- (8) as vez cê pegava traíra... só nu dava bagre que o bagre nu é de criá esse tipo de água (Filoband, I.9, p.128)
- (16) eu qui cuidei dele (...) tinha que levantá ele sentá ele num caxoti () punha umas (barra) di fogu numa lata preli isquentá (Filoband, I.14, p.208)
- (13) o médico começô “você num pode tê filho vai tê que operá” (PPSP, I.E, p.51)
- (11) a senhora não vê a avenida São João como alargô? (PPSP, I.z, p.13)

Vemos que o contexto discursivo e o semântico elucidam que estes verbos correspondem a um processo e têm um só argumento paciente. Em (7), sabemos que o referente lobisomem não transforma algo, mas sofre uma transformação. No exemplo (8), o SP (sintagma preposicionado) “*nesse tipo de água*” aparece sem a preposição *em*. Sintaticamente, isto dá a impressão de uma estrutura ativa com sujeito, verbo e objeto direto. Mas, pelo contexto discursivo, depreende-se que se trata de uma estrutura de passiva reflexiva. Em (16), poderíamos interpretar a forma “*preli inquentá*” como *para ele esquentar a comida, o café*; o entorno discursivo, contudo, esclarece que o referente do verbo é uma pessoa doente que não está em condições de praticar essas atividades, e que a forma só pode ser interpretada como *esquentar-se, aquecer-se*. No exemplo (13), a interpretação como passiva reflexiva é favorecida pelo próprio item lexical. Ainda que o argumento agente não figurasse no discurso, sabemos que uma pessoa não opera a si mesma, mas é operada. Em (11), por fim, o referente [-animado] não é capaz de alargar algo, mas sim ser submetido ao processo designado pelo verbo.

6. Considerações finais

Neste trabalho, ocupei-me da análise das estruturas de passiva reflexiva no português brasileiro popular, optando por uma noção de “voz reflexiva de sentido passivo” mais abrangente, que englobasse não só as construções tipicamente descritas como passivas, mas também todas aquelas que envolvessem verbos de processo com sujeito paciente. Retomei algumas descrições das estruturas passivas, retiradas da literatura lingüística e de gramáticas, e com base nelas, analisei as ocorrências encontradas nos *corpora*.

Constatai a presença de três estruturas principais: (i) as que envolvem um processo que semanticamente não implica um agente; (ii) as que implicam um agente

que não é mencionado; (iii) aquelas nas quais o agente, ou o causativo, vem expresso no discurso.

O argumento agente parece ocupar um papel secundário nas construções de passiva reflexiva. Ele pode vir expresso no discurso, mas em grande parte dos casos, tem referência indeterminada. Daí a possibilidade de algumas estruturas expressarem tanto o sentido de passividade, quanto o de indeterminação.

As características semânticas, sintáticas e discursivas dos SNs que exercem a função de paciente, por sua vez, confirmam as formulações de Maurer (1951) e Mira Mateus et al. (1983), de que o falante utiliza a estrutura passiva quando é o argumento paciente que tem um papel central no contexto discursivo em que figura.

A variação no uso do pronome, por fim, não constitui um impedimento para a transmissão da informação, já que o entorno discursivo e as próprias características semânticas do verbo tendem a auxiliar na interpretação das estruturas como passivas reflexivas.

7. Referências bibliográficas

- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Lucerna, 2001.
- BORBA, F.S. (coord.). *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo, Ed. Unesp, 1991.
- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar. Part 1: The Structure of the Clause*. Dordrecht-Holland/ Providence RI: USA: Foris Publications, 1989.
- _____. *The Theory of Functional Grammar. Part 2: Complex and Derived Constructions*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 1997.
- DUARTE, M.E.L. Construções com *se* passivador e indeterminador em anúncios do século XIX. In: ALKMIM, T.M. (org.) *Para a História do Português Brasileiro. Volume III: Novos Estudos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002. p.155-176.
- DUTRA, R. Considerações sobre o *se*: o pronome camaleão. In: Maria Cristina Negro & Rosalia Dutra (orgs.) *Ensaios de Lingüística – Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura* (UFMG) nº 5, 1981.
- HOPPER, P.J. & THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language* 56, no.2, junho 1980, p.251-299.
- ILARI, R. et al. Os pronomes pessoais do português falado: Roteiro para a análise. In: Castilho, A.T. & Basílio, M. (orgs.). *Gramática do Português Falado Volume IV: Estudos Descritivos*. Campinas, SP, Ed. da Unicamp, 1996.
- JACOB, D. A reflexividade no português brasileiro: entre gramaticalização e lexicalização. In: Oliveira, M. et al. Duplicação pronominal no português brasileiro. Comunicação apresentada no VI Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro, 2004.
- MAURER JR., T.H. *Dois problemas da Língua Portuguesa – o infinito pessoal e o pronome se*. São Paulo, Ind. Graf. José Magalhães, 1951.
- MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Livraria Almedina, 1983.

- NARO, A. J. The genesis of the reflexive impersonal in Portuguese. A study in syntactic change as surface phenomenon. *Language* 52, 1976. p.779-810.
- NEVES, M.H.M. *Gramática de usos do português*. São Paulo, Ed. Unesp, 2000.
- NUNES, J.M. *Se* apassivador e *se* indeterminador: O percurso diacrônico no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 20, 1991. p.33-58.
- REINHART, T. & REULAND, E. Reflexivity. *Linguistic Inquiry*, vol. 24, nº 4, 1993. p.657-720.
- RODRIGUES, A.C. S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo:USP. Tese de Doutorado, 1987.
- SAID ALI, M. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 6ª ed., 1966. O pronome *se*, p.89-101.
- SCHMIDT-RIESE, R. Sobre mudanças e variedades no espanhol quinhentista: o caso das construções com *se*. In: ALKMIM, T.M. (org.) *Para a História do Português Brasileiro. Volume III: Novos Estudos*. São Paulo:Humanitas/FFLCH/USP, 2002.